



SEÇÃO LIVRE

Refúgios do Eu paterno: preocupações acerca da formação feminina na escrita de José Martí¹*Refuges of the paternal self: concerns about female education in José Martí's writing**Refugios del yo paterno: preocupaciones sobre la educación femenina en la escritura de José Martí***Isabel Ibarra Cabrera²**orcid.org/0000-0002-2069-1502
isabel.ibarra@ufma.br**Recebido em:** 9 abr. 2019.**Aprovado em:** 4 dez. 2019.**Publicado em:** 22 fev. 2022.

Resumo: O objetivo da presente investigação foi o de analisar a preocupação de José Martí com a transmissão de saberes, fazeres e valores que deveriam fazer parte da formação feminina. O artigo analisa a escrita direcionada às "crianças de América" em *La edad de Oro* (1889) e busca identificar no projeto martiano de formação do "novo homem" a distinção entre uma educação para meninos e meninas. Mas será no acervo formado pelo conjunto de cartas pessoais dirigidas à Maria Mantilla e nos conselhos direcionados à filha que Martí se revela como um pai preocupado com a formação da mulher de elite ou da classe média, bem como o papel que essa mulher deveria desempenhar na sociedade decimonônica.

Palavras-chave: Cartas. José Martí. Maria Mantilla. Valores e educação feminina.

Abstract: The objective of the present investigation was to analyze José Martí's concern with the transmission of knowledge, doings and values that should be part of women's education. The article analyzes the writing directed to the "children of America" in *La edad de Oro* (1889) and seeks to identify in the Martian project of formation of the "new man" the distinction between an education for boys and girls. But it will be in the collection formed by the set of personal letters addressed to Maria Mantilla and in the advice directed to the daughter that shows Martí as a father concerned with the proper social and educational formation of middle class or elite women and the role that it should play in nineteenth century society.

Keywords: Letters. José Martí. Maria Mantilla. Values, women's education.

Resumen: El objeto de la presente investigación es analizar la preocupación de José Martí por transmitir los saberes y valores que deberían hacer parte de la formación femenina. Este artículo analiza la escritura direccionada a los niños de América en *La edad de Oro* (1889) y se preocupa por identificar en el proyecto martiano de formación del nuevo hombre la distinción entre una educación para niños y otra para niñas. Pero será en el archivo formado por el conjunto de cartas personales dirigidos a Maria Mantilla y en los consejos a la hija que José Martí se revela como un padre preocupado con la formación de las mujeres pertenecientes a la clase media o de la alta esfera socioeconómica y el papel que estas deberían desempeñar en la sociedad decimonónica.

Palabras clave: Epistolario. José Martí. Maria Mantilla. Valores y educación femenina.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ O título foi inspirado na obra *Refúgios do Eu: educação, história e escrita autobiográfica* (2000), organizada por Ana Chrystina Venâncio Migno; Maria Helena Câmara Bastos e Maria Teresa Santos Cunha.

² Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luis, MA, Brasil.

Introdução

Não existe um intelectual, educador ou político cubano do século XIX que tenha tido tanta influência em Cuba nos séculos posteriores como José Martí. Do ponto de vista educacional, ele foi consagrado pelos professores e maestros como uma referência, assim, cada geração nova de cubanos que morasse na Ilha ou estivesse no exílio e teve contato com, pelo menos, parte de sua obra durante todo o século XX. Mas o reconhecimento da obra e da atuação de José Martí não se reduz ao espaço cubano. Nos anos finais do século XIX, ele teve uma atuação política intensa em toda América Latina, sobretudo, após sua participação como delegado na primeira conferência pan-americana realizada em Washington (de outubro de 1889 a abril de 1890), na qual estiveram presentes as delegações da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, México, Uruguai, dentre outras. A partir desse momento, Martí se tornou correspondente em vários jornais da América Latina⁵. Na época, não foram poucos os intelectuais e escritores que reconheceram o seu talento, entre eles se destacam: Gabriela Mistral, Domingo Faustino Sarmiento, Manuel Gutiérrez Nájera, Juan Ramón Jiménez; e muitos, como Rubem Dario, o chamaram de "Maestro". Por esse motivo, diversos autores, como Angel Rama (1974, 1985), Roberto Fernández Retamar (1975, 1978), Ivan A. Shulman (1970), Fina García Marruz e Cintio Vitier (1969), assinalam a importância da obra martiana para a literatura latino-americana. Dessa forma, além da imensa produção historiográfica sobre o seu labor intelectual e político,⁶ José Martí tem chamado atenção de poetas e de trovadores por seus escritos. A esse respeito, é possível citar a canção popular cubana "Guantanamera", que utiliza os *versos sencillos* como referência do que seria a cubanidade.⁷

No campo historiográfico a obra martiana tem sido bastante estudada, a proficiência da escrita de José Martí e a multiplicidade de temas que

materializam sua obra reunida e publicada em vinte e oito volumes⁸: ensaios, romances, palestras, contos, poemas e mais de quatrocentos e cinquenta cartas escritas a amigos e familiares tem servido e ainda podem servir como fonte para inúmeros estudos e pesquisas.

A biografia de José Martí e alguns aspectos vinculados a sua vida íntima não deixam de ser importantes quando pretendemos analisar a escrita martiana. José Martí nasceu em Havana em 28 de janeiro de 1853, é o mais velho e único homem de oito filhos que tiveram os espanhóis Mariano de los Santos Martí e Leonor Antonia de la Concepción Pérez Cabrera. Muito jovem pelas suas ideias, é considerado inimigo da Espanha, sendo preso e forçado a trabalhos pesados sendo finalmente deportado para esse país, longe da família. Na Universidade de Zaragoza, se forma em Direito Civil e Canônico e em Letras e Filosofia em 1874. Após ser reconhecido na Espanha pelos seus escritos, viaja para o México e lá oficialmente contrai matrimônio com a cubana Carmen Zayas Bazán em 20 de dezembro de 1877; e em novembro de 1878 nasce o seu filho primogênito José Francisco Martí Zayas Bazán. Por um breve período volta a Havana e mora junto a sua família. Mas a situação política de Cuba e a postura independentista de José Martí o levam de volta ao exílio. Para não ser novamente preso, em 1879 ele emigra sozinho para Europa e depois continua a viagem para a América do Norte, chegando em 3 de janeiro de 1880 a New York. Nesta cidade, se reúne com a comunidade de exilados cubanos. No primeiro momento, conhece a família Mantilla Miyares, o casal formado por Maria del Carmen Miyares Peoli e Manuel de la Caridad Mantilla Sorzano que tinham três filhos: Manuel, Carmen e Ernest. A família Mantilla mantinha uma pensão onde José Martí mora em dois momentos: inicialmente, quando chega à cidade de New York e, posteriormente, após Carmen Miyares ficar viúva, em 12 de fevereiro de 1885. Maria Mantilla

⁵ Importante foi a atuação de José Martí como jornalista no jornal *La Nación*, na Argentina, onde influenciou a grande parte da intelectualidade desse país com os seus ideais anti-imperialistas, chegando a se tornar Cônsul da Argentina, Paraguai e Uruguai em New York.

⁶ Vários historiadores cubanos têm se preocupado em destacar o trabalho político de José Martí, dentre eles, cabe destacar o estudo: IBARRA, Jorge. *José Martí: dirigente político e ideólogo revolucionário*. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 1980.

⁷ A primeira versão de Guantanamera data de 1920 quando foi musicalizada por Joseito Fernández. Posteriormente, a música ganhou outras versões sendo popular em Cuba e em outros países.

⁸ Publicada em Cuba. MARTÍ, José. *Obras Completas*. Cuba: Editorial Ciencias Sociales, 1963. 28 v.

nasce em 28 de novembro de 1880. A paternidade de Maria Mantilla constitui, ainda hoje, um tema tabu na historiografia. Não obstante, existe muita especulação e várias evidências que confirmam que Martí foi o pai biológico dela⁹. Para saber mais consultar Cova (2018) e Gomes (2018). A historiografia, no entanto, tem reconhecido consensualmente pelos documentos e indícios que assim o atestam que Maria Mantilla era considerada como uma filha para Martí. Mostra disso é o conjunto de cartas escritas a ela, inclusive, as últimas cinco cartas foram feitas durante a travessia de sua última viagem sem retorno a New York, antes de sua morte. Dedicou a ela também o poema *Los zapaticos de rosa* publicado em *La edad de Oro*; e, por último, quando ele foi encontrado morto, a única foto que carregava era a dela. José Martí viveu na casa da família Miyares por dez anos consecutivos desde 1885 a 1895 e, de fato, ele era a única figura paterna com a qual ela conviveu desde os quatro anos até os quatorze anos quando Martí decide unir-se à guerra de Independência de Cuba. Durante toda a estadia de José Martí em New York, que foram quinze anos de 1880 a 1895¹⁰, a sua esposa Carmen Bazán e o seu filho primogênito viveram pouco tempo junto a ele. Em um primeiro momento, a família se reuniu em New York por uns meses, de março a outubro de 1880, posteriormente, entre dezembro de 1882 até março de 1885 e, após seis anos, quando Carmen Bazán retorna entre 30 de junho e 27 de agosto de 1891. Permanecendo pouco menos de dois meses nessa cidade, Carmen Bazán decide deixar definitivamente José Martí e voltar a Cuba. Em fevereiro de 1895 Martí sai de New York rumo a Cuba para se juntar ao Exército cubano que lutava pela independência de Cuba¹¹ contra Espanha. Ele morre em 19 de maio de 1895 em Dois Rios, região oriental de Cuba.

Este artigo é dedicado ao estudo da visão que

José Martí tinha sobre a formação de valores na infância e, especialmente, o interesse com a educação feminina. Para isso, recorreremos à análise da revista de contos, crônicas e poemas intitulada *La Edad de Oro*, composta por quatro volumes e publicadas em New York entre os meses de julho a outubro de 1889, e também a análise do epistolário dirigido a sua filha Maria Mantilla entre os anos de 1894-1895 quando ela tinha entre 13 e 14 anos.¹² As cartas foram feitas durante viagens promovidas para arrecadar fundos para apoiar a independência cubana de Espanha. Das oito correspondências que compõem o acervo de cartas a Maria, as duas primeiras foram realizadas em uma viagem à Geórgia em maio de 1894, a terceira carta foi feita na casa do amigo Manuel Mercado no México nesse mesmo ano, e as últimas cinco cartas foram escritas a partir de 02 de fevereiro até 09 de abril de 1895 quando Martí viaja no vapor Athos de New York até Cabo Haitiano. As cartas que fez à Maria durante as viagens eram de duas a seis páginas, exceção feita à última carta datada de 09 de abril de 1895, em Cabo Haitiano, onde Martí escreveu dezoito páginas. Sem dúvida, a separação da filha e pupila criou uma situação propícia ao desenvolvimento de uma correspondência afetiva. Ainda que a escrita epistolar seja uma relação e o emissor das cartas esteja esperando, muitas vezes, uma resposta, não há nenhuma confirmação que Maria Mantilla respondeu às missivas de Martí. Em alguns momentos ele não aguardava respostas às suas correspondências, mas em outros exige a troca de cartas.¹³ As cartas de Martí à Maria Mantilla não têm um único objetivo, ele se preocupa com a aprendizagem dela, relata minuciosamente como deve continuar os estudos de francês, de espanhol, de História, de Geografia, mas também se preocupa com a formação sentimental e de valores, com a ausência dele e com o futuro dela.

⁹ Em 09 de fevereiro de 1935, Maria Mantilla escreve ao seu filho Cesar Romero contando que ele era neto de José Martí.

¹⁰ Somente no ano de 1881 Martí vive seis meses Venezuela.

¹¹ A relação entre Carmen Bazán e José Martí foi um pouco conturbada. Ela nunca aceitou que o marido se dedicasse mais à causa independentista do que a cuidar da sua família. As cartas dela à Martí são indícios da cobrança e a pressão que Martí sofreu nos últimos 15 anos antes de sua morte (CARTAYA, 2011). Nessa última viagem, segundo alguns historiógrafos, Carmen Bazán pede ajuda ao Cônsul de Espanha para voltar a Cuba com o seu filho sem comunicar nada para José Martí (CARTAYA, 2011).

¹² Os originais das cartas de José Martí à Maria Mantilla estão no Arquivo Nacional de Cuba. A primeira publicação dessas cartas foi no ano de 1950 e a segunda foi no ano de 1982 pelo Centro de Estudios Martianos e a Editorial Gente Nueva. Hoje em dia essas cartas estão disponíveis em vários sítios digitais.

¹³ Carta a Maria Mia, Geórgia, 29 de maio de 1894 (MARTÍ, 1982, p. 24).

As cartas de Martí à Maria são marcadas pelo amor de um pai a uma filha.

Aproximar-nos da visão martiana, sobre os valores que uma formação feminina deveria possuir, permite-nos, também, compreender como ele via a educação que as mulheres das classes médias e da elite receberam durante o século XIX. No presente artigo, iremos analisar duas fontes distintas, uma primeira que é a revista *La edad de Oro*, projeto no qual Martí se dedica a escrever às crianças de "América". Nessa revista estão expressas as principais ideias que o autor tinha em relação à formação do "novo homem americano", quais conhecimentos e valores essa formação deveria alcançar. Em *La edad de Oro*, Martí deixa explícito que existiam diferenças entre meninas e meninos e, dessa maneira, a formação de valores, interesses e conhecimentos seriam diversas. Nesta revista, a relação de Martí com a sua filha Maria Mantilla é recriada de várias maneiras no poema "Los zapaticos de rosa"¹⁴ e, também, nos contos "La muñeca negra" e "Nené traviesa" (MARTÍ, 2017). Mas o que se tornou mais produtivo para a compreensão da visão que Martí possuía sobre a formação feminina foram as suas cartas pessoais, especialmente, as cartas dirigidas à Maria Mantilla. Nessas correspondências a "Mi María", "Maria mía", "Mi niña querida" ou "Maricusa mía" encontramos Martí no seu lado mais íntimo, mais pessoal, mais amoroso, em outras palavras, mais descoberto. É nesse espaço privado que são as cartas pessoais de Martí onde nos deparamos com a transmissão de saberes, valores éticos e estéticos para uma formação integral de sua pupila e filha em um mundo limitado para as mulheres.

A aproximação do mundo infantil: *La edad de Oro*, uma revista para meninos e meninas

Durante o século XIX, várias ideias pedagógicas estavam sendo discutidas na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina. Nessa perspectiva, a

vida e a obra de José Martí receberam múltiplas influências, desde a sua formação inicial em Cuba, a passagem pela Espanha, sua vivência no México e os últimos quinze anos de sua vida em New York. A esse respeito, Arce (1996) assinala a influência que alguns teóricos exerceram sobre ele. Uma das grandes influências nos anos de 1870 foi o "krausismo espanhol",¹⁵ que defendia os valores éticos, a renovação pedagógica, o incremento das atividades práticas etc. O pensamento martiano teve outras influências que não poderíamos deixar de destacar, como os principais filósofos da educação, da primeira metade do século XIX em Cuba, são eles: José de la Luz y Caballero (1800-1862); Agustín Caballero (1762-1835) e Félix Varela (1783-1853). Esses autores cubanos também beberam de outras influências pedagógicas centradas na necessidade de buscar um método para formar o homem de maneira integral (corpo, mente e coração), que são as obras *Cartas sobre Educação Infantil e Pedagogia geral* de Herbart e Pestalozzi. Sem deixar de lado também a enorme influência que exerceu o positivismo evolucionista de Spencer¹⁶. Essa preocupação pedagógica no século XIX e a necessidade de "refundar" as novas nações que surgiram após as independências na América Hispânica não foi despercebida pelos principais pensadores latino-americanos, que tinham como principal responsabilidade formar os futuros cidadãos. Segundo Rama (1998), as novas repúblicas latino-americanas para se tornar "civilizadas" deveriam ter um programa educacional para colocar fim à ignorância e ao analfabetismo da maioria da população. Vários pensadores latino-americanos discutiram os seus projetos políticos e educacionais. Nesse sentido, José Martí (1853-1895) escreveu o seu ideário político em *Nuestra América* (1891) ressaltando a necessidade de unidade entre os países latino-americanos e a formação desse novo homem americano. Outros pensadores latino-americanos também escreveram sobre a formação desse novo homem, o primeiro contemporâneo de Martí foi Faustino

¹⁴ Segundo García Marruz (1980) o pano de fundo do poema *Los zapaticos de rosa* foi uma viagem que fez Martí com Carmen Miyares e os seus filhos à praia de Coney Island.

¹⁵ O idealista alemão, K.C.F Krause teve uma grande influência na Espanha.

¹⁶ Herbert Spencer influenciou o pensamento educacional latino-americano com a obra *Educación Intelectual, moral e física* (1863).

Sarmiento, na Argentina¹⁷ e, posteriormente, José Enrique Rodó, que fez nascer a ideia do Arielismo após a intervenção dos Estados Unidos em Cuba, no final da guerra contra a Espanha em 1898.¹⁸

O século XIX na Europa viu florescer um interesse pela criança e daí nasce o florescimento de uma literatura infanto-juvenil.¹⁹ José Martí é considerado o primeiro escritor latino-americano a dedicar-se a escrever para as crianças, ou seja, é precursor de uma literatura infanto-juvenil na América Hispânica. A primeira aproximação de Martí com o mundo da criança começou com a escrita do poema *Ismaelillo*,²⁰ produzido em 1881, quando ele se encontrava na Venezuela. Contudo, foi publicado em 1882, em New York. Ele foi dedicado ao seu filho primogênito, José Francisco Martí.

A preocupação com os valores e a forma como José Martí queria comunicá-los à juventude engendrando a curiosidade, entretendo com imagens, contos e aventuras trouxe, por uma parte, admiração de muitos e, por outra, conflitos com os seus editores. Arias (2012) nos revela que Martí teve interesse em ter uma gráfica, mas, em 1889, quando já tinha em mãos a ideia de escrever seu projeto direcionado para os jovens da América, contou com o apoio do endinheirado comerciante brasileiro Aaron da Costa Gómez.²¹ Nesse sentido, é preciso ressaltar o enorme esforço de Martí para manter a revista mensal *La edad de Oro*, que começou em julho e terminou em outubro de 1889 por discordâncias com o editor.

Era a primeira vez que um escritor se dirigia às crianças da América Latina, livre do ar escolástico. No projeto editorial de *La edad de Oro*, Martí traduz de uma maneira direta e simples os valores que ele queria transmitir:

Os versos não se tem de fazer para dizer que se está feliz ou se está triste, senão para ser útil ao

mundo, ensinando que a natureza é formosa, que a vida é um dever, que a morte não é feia, que ninguém deve estar triste nem amedrontar-se enquanto haja livros nas livrarias, e luz no céu, e amigos, e mães (MARTÍ, 2017, p. 36).

À medida que lemos os editoriais de *La edad de Oro* percebemos a riqueza deste material. Martí escreveu sem pompas nem rebuscamentos literários a seus destinatários o prefácio da revista: "tudo o que queiram saber vamos dizer, e de maneira que o entendam bem, com palavras claras e com ilustrações finas" e "esta revista se publica para conversar uma vez no mês, como bons amigos...". Em uma de suas cartas à Maria, Martí expressa: "Eu quis escrever assim em *La edad de Oro*; para que as crianças me entendessem, e a linguagem tivesse sentido e música" (MARTÍ, 1982, p. 78). Nessa primeira apresentação também adianta sua proposta para o aprendizado das crianças:

Para isso se publica *La Edad de Oro*: para que as crianças americanas saibam como se vivia antes, e se vive hoje, em América, enas demais terras; e como se fazem tantas coisas de cristal e de ferro, e as máquinas de vapor, e as pontes suspensas [...] para que as crianças conheçam os livros famosos onde se contam as batalhas e as religiões dos povos antigos (MARTÍ, 2017, p. 2, tradução nossa).²²

Essa nova forma que o autor de *La edad de Oro* inaugura para se dirigir às crianças influenciou outros escritores latino-americanos, como foi reconhecido por Rubem Darío (1867-1917), poeta nicaraguense, criador do modernismo na América Latina. Martí tinha conhecimento da importância de buscar uma configuração original na escrita para chegar mais próximo do seu jovem leitor, tanto que ao descobrir que a filha não estava realizando as leituras que ele havia indicado, assinala: "*O Harper's Young People* não o listes, mas a culpa não é tua,

¹⁷ Domingo Faustino Sarmiento produziu a tese de "Civilização e Barbárie", obra publicada pela primeira vez em 1845, com o título *Fa-cundo: Civilización y barbárie*. A obra de Martí *Nuestra América* se opõe à tese de Sarmiento. Mas Sarmiento sempre reconheceu o talento de José Martí e chegou a dizer que Martí era para as letras hispanas o que Vitor Hugo era para as letras francesas (MUÑOZ, 2016).

¹⁸ O ensaio de José Enrique Rodó "Ariel" foi publicado em 1900. Nessa obra há uma releitura da obra *A tempestade* de William Shakespeare, já que Rodó recria simbolicamente duas personagens, o Ariel, um jovem espiritualista representando a civilização jovem hispano-americana e o Calibán, sensualidade e torpeza representando a cultura utilitarista norte-americana.

¹⁹ Na França, o mercado editorial para jovens se enriquece com Jules Vernes, a Condessa de Ségur, Alexandre Dumas, dentre outros e, na Inglaterra Charles Dickens e Lewis Carrol estarão na frente

²⁰ Essa obra foi considerada precursora do modernismo latino-americano.

²¹ Aaron da Costa Gómez ganhou muito dinheiro junto com os seus irmãos com negócios no Caribe. José Martí o conheceu no México, como afirma em uma carta destinada ao amigo Manuel Mercado, datada em 03 de agosto de 1889 (MARTÍ, 2011).

²² As traduções do original para o português foram feitas por mim para este artigo.

senão da revista, que traía coisas muito inventadas, que não se sentem nem se vem, e mais palavras do que as necessárias" (MARTÍ, 1982, p. 70).

Martí sabia que as crianças necessitavam "sentir e ver", sem a necessidade de usar muitas palavras, por isso escrevia de maneira simples, além de utilizar em sua revista *La edad de oro* excelentes ilustrações. O mais interessante para a época foi a inovação no que diz respeito à preocupação do autor em estabelecer um "diálogo" com as crianças. Ele não só queria que as crianças lessem, mas também queria ouvi-las, a fim de incentivá-las a conhecer mais:

Quando uma criança queira saber algo que não este em *La Edad de Oro*, escreva para nós como se nos tivesse conhecido sempre, que nos responderemos. Não importa que a carta venha com faltas de ortografia. O que importa é que a criança queira apreender (MARTÍ, 2017, p. 2).

Nas quatro revistas publicadas de *La edad de Oro* havia uma seção que se intitulava "La última página", onde José Martí conversava com os seus leitores, fazendo perguntas para estimular a curiosidade deles, e, dessa forma, buscar uma aproximação afetiva: "Estas últimas páginas serão como o quarto de confiança de *La Edad de Oro*, onde conversaremos como se estivéssemos em família" (MARTÍ, 2017, p. 36).

Assim, encontramos em Martí uma nova forma de ver a criança, por isso dedicou a ela um tempo que nesses anos era precioso para ele, devido a seu intenso trabalho político em pró da independência de Cuba. José Martí acreditava que as crianças latino-americanas deviam ter uma sólida formação, preenchida de valores morais, humanistas, históricos, identitários e científicos, e elas poderiam construir um novo mundo, o mundo utópico das crianças do amanhã: "para as crianças trabalhamos porque as crianças sabem querer, porque as crianças são a esperança do mundo" (MARTÍ, 2017, p. 2).

Como afirma Butlen (2018), a literatura sempre

teve uma preocupação com a formação de valores. No projeto da revista mensal *La edad de Oro* (1889), José Martí mostrou a preocupação com uma formação moral e estética. Salvador Arias (2012) explica as opções que Martí transmitiu para o público infantil, com o intuito de fortalecer seus valores, a partir da escolha de oposições binárias: "Dois príncipes", "Dois rouxinóis", "Duas bonecas" com esse recurso procurava que o jovem leitor elegeisse o que era justo e o que era bom. Martí revela, na seção "A última página", para que a criança aprenda a escolher, quando diz:

Este é o número de *La edad de Oro*, onde se ve o velho e o novo do mundo, e se apreende cómo as coisas de guerra e de morte não são tão belas como as de trabalhar: a saber si o tempo do Padre de Las Casas era melhor que o da Exposição a Paris! E quem é melhor Masicas, ou Pilar? (MARTÍ, 2017, p.97)²³.

Muitos estudiosos têm visto como algo revolucionário e moderno a ideia de Martí destinar a revista *La edad de Oro*²⁴ tanto para meninos como para meninas, "para os meninos é esta revista, e para as meninas, lógico!" (MARTÍ, 2017, p. 2). Alguns afirmam que o autor estaria dando um tratamento igualitário ao gênero feminino. Contudo, essa visão nos parece anacrônica, nesse sentido é necessário que se vejam os seus escritos com o olhar de seu tempo. Dessa forma, uma literatura que fosse igualmente lida por meninos ou meninas não significava que José Martí acreditasse que essas crianças deviam ser educadas de forma igualitária. A esse respeito, em seu prefácio de *La edad de Oro*, Martí declara que existem textos para meninos e textos direcionados para meninas:

Mas há coisas muito delicadas e ternas que as meninas entendem melhor, e para elas as escreveremos de forma que gostem [...] E falaremos de como se faz uma linha de fio, como nasce uma violeta, como se fábrica uma agulha, como tecem as velhinhas de Itália suas rendas (MARTÍ, 2017, p. 3).

Em José Martí ainda percebemos os binarismos "mulher/natureza; homem/cultura". As imagens

²³ Masicas é a mulher avarenta do lenhador no conto intitulado "O Camarón encantado" traduzido por Martí e publicado em *La edad de oro*; Pilar é a menina boa e sensível protagonista do poema "Los zapaticos de Rosa" que mesmo pertencendo a uma classe alta da sociedade se sensibiliza com uma criança pobre e doa os seus sapatinhos de rosa para ela.

²⁴ Ver: ARIAS, Salvador. *Un proyecto martiano esencial: La edad de Oro*. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001.

construídas socialmente no século XIX, com diferentes argumentos essencialistas do que seria o ser feminino e o ser masculino, estão presentes tanto no seu epistolário como na revista *La edad de Oro*. A esse respeito pode-se apontar a existência de uma natureza feminina representada pela fragilidade, delicadeza, afetividade, enquanto a natureza masculina mostra uma essência de força física, racionalidade, independência. Em *La edad de Oro*, Martí afirma que: "a mulher não é como nós senão como uma flor, e há que tratá-la assim, com muito cuidado e carinho, porque se a tratam mal, morre logo, igual as flores" (MARTÍ, 2017, p. 138). A delicadeza com a qual Martí propõe olhar à mulher se contrapõe com as experiências das mulheres em Cuba. As mulheres decimonônicas de classe média e da elite em Cuba permaneciam reclusas em seus lares devido à agressividade dos homens e à preocupação com a desonra.²⁵

O pedagogo Enrique José Varona (1887), com algumas ideias diferentes de José Martí, por sua declarada tendência positivista, usava as palavras do educador Wither Moore para afirmar que: "las mujeres están constituídas para ser y deben ser, no hombres sino madre de hombres". No nosso período de análise a preocupação pela educação de mulheres era uma constante. Para Badinter (1980), o mais importante dever das nações latino-americanas era o de instruir as mulheres para que formem os homens de amanhã. Nascia, assim, um novo conceito de maternidade. Essas imagens consolidadas sobre a essência feminina e masculina também aparecem nas palavras iniciais destinadas aos leitores de *La edad de Oro*. Conforme Martí, "o menino nasce para ser cavalheiro e a menina nasce para ser mãe" (MARTÍ, 2017, p. 2), mediante tal afirmativa se reforça que as diferenças das características atribuídas entre o menino e a menina devem se centrar em uma educação do menino como "protector" e da menina como "ser que precisa de proteção":

O menino há de trabalhar e de andar, de estudar, de ser forte, de ser formoso [...] Mas nunca é um homem mais belo que quando carrega em suas maõzinhas uma flor para sua amiga, ou quando leva do braço a sua irmã, para que ninguém a ofenda (MARTÍ, 2017, p. 2).

O projeto de *La edad de Oro* chega ao fim antes do tempo, ainda que Martí o lamente em uma das cartas escritas ao seu grande amigo mexicano Manuel Mercado, onde explica que o editor queria, por uma questão de "comércio", que os valores que estivessem refletidos na revista *La edad de Oro*, em todas as crônicas e histórias, fossem o de falar "do temor a Deus", carta datada em 26 de novembro de 1889:

Tenho o dever do artigo laborioso, e não o gosto da carta, porque quero escrever com sossego, sobre mim sobre *La edad de Oro*, que tem saído de minhas mãos – a pesar do amor com que comecei, porque, por creencia ou por medo de comércio, queria o editor que eu falasse do "temor a Deus" e que o nome de Deus e não a tolerância e o espírito divino estivessem em todos os artigos e histórias!...] O cuidado do programa eo singular exito de crítica da revista, não me tem servido para evitar este choque com as ideias, ocultas até agora, ou o interesse alarmado do dono de *La Edad de Oro*. É a primeira vez, a pesar do penoso de minha vida, que abandono o que de verdade empreendo. Se você me aplaudir, não quero mais (MARTÍ, 2011, p. 153-154).

Dessa forma, Martí confessa a Manuel Mercado que preferiu abandonar com pena o projeto que já tinha começado antes de colocar um selo imposto pelas circunstâncias. Esses conflitos entre editores e escritores eram algo muito comum. Inclusive, em outras ocasiões, o autor de *La edad de Oro* já tinha comentado sobre conflitos com outros editores.²⁶ Por mais doloroso que tenha sido não continuar com a revista *La edad de Oro*, os quatro números que foram publicados tiveram uma boa acolhida pela crítica latino-americana, até um dos precursores do modernismo na América Latina, o mexicano Manuel Gutierrez Nájera, ao conhecer a obra, escreveu: "Martí para escribir la Edad de Oro, ha dejado de ser ríyo y se ha hecho lago, terso,

²⁵ Para saber mais sobre a reclusão das mulheres brancas da elite cubana durante o século XIX, Ver: CABRERA, Olga. Género, sexo e raça e a formação das subjetividades femininas em Cuba, século XIX. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 25, n. 1, jan./abr. 2017.

²⁶ Ver: PEQUEÑO, José Fernández. *La edad de Oro: reflexiones para una observación y una duda*, en *Acerca de la edad de Oro*. La Habana, Centro de Estudios Martianos: editorial Letras Cubanas, 1980.

transparente, límpido. Lo diré en una frase: se ha hecho un niño... un niño que sabe lo que saben los sabios, pero que habla como los niños" (apud GONZÁLEZ, 1980, p. 50). Assim como disse José Martí, em sua seção "A última página": "*La edad de Oro* não quer morrer, porque ninguém deve morrer enquanto possa servir para alguma coisa [...] (MARTÍ, 2017, p. 65), sem dúvida, *La edad de Oro* serviu e continua servindo para a formação de muitas crianças latino-americanas, especialmente, em Cuba, onde houve várias edições da revista que se transformou em livro, mantendo o mesmo título – *La edad de Oro* –, reunindo, assim, todo o projeto martiano. Esse livro foi editado e reeditado inúmeras vezes, durante o século XX e no século XXI,²⁷ pelo seu valor literário, musicalidade e identidade própria. Como observaremos adiante, o Martí educador se revela também na escrita pessoal quando constrói um ideal de formação feminina e se mostra um pai preocupado com a formação integral da filha.

A formação do ideal feminino nas entrelinhas da escrita martiana: o Eu paterno

O século XIX trouxe grandes mudanças tecnológicas, como também a preocupação do capitalismo com o crescimento demográfico e a incorporação da mulher de classes populares na produção industrial, o que revolucionaria as relações patriarcais. Dentre as características desse século, destacamos que uma parte dos leitores da elite ou das classes médias eram mulheres, ou seja, existiu uma literatura direcionada a elas, como jornais e revistas, que tinham como principal foco encantar o mundo feminino. Contudo, a mulher decimonônica herdava, do século anterior, algumas funções que seriam importantes ou úteis, as quais ela deveria conhecer, como os elementos de cuidados da casa, conhecimentos sobre a fé cristã, preparativos para a maternidade, costura, saber ler e escrever, e alguns conhecimentos gerais, além de música para

alegrar os bailes e salões. José Martí se preocupava com a educação destinada às mulheres que as convertiam em presas fáceis de aventureiros.²⁸ Em uma das cartas a sua irmã Amélia, datada em 1880, ele se autodenomina de "excelente médico de almas" (MARTÍ, 1880) e confessa: "tenho visto muito no fundo dos demais, e muito no fundo de mim mesmo" (MARTÍ, 1880). Por isso, aconselha à irmã, que ainda se mantinha solteira, para não se deixar influenciar pelos romances de folhetim, como eram chamados na época, uma vez que esses eram destinados às mulheres da elite ou das classes médias. Em outra carta à irmã Amélia, em janeiro de 1882, expressou as suas preocupações sobre esse assunto:

Não acredites, minha linda Amélia, que os carinhos que aparecem nos romances vulgares, e apenas há romance que não o seja, por escritores que escrevem romances porque não são capazes de escrever coisas mais altas – copiam realmente a vida, nem são lei dela. Uma mulher jovem que ve escrito que o amor de todas as heroínas de seus livros, ou o de suas amigas que os tem lido como ela, começa a maneira de um relampejo, com um poder devastador e elétrico- supõe, quando sente a primeira doce simpatia amorosa, que é sua vez no jogo humano, e que seu afeto há de ter as mesmas maneiras, rapidez e intensidade que esses afetinhos de livrecos escritos- acredita em mim, Amélia - por pessoas incapazes de por remédio às tremendas amarguras que ocasiona sua maneira convencional e irreflexiva de descrever paixões que não existem ou que existem de uma maneira diferente daquela como que as descrevem (MARTÍ, 2018, p.1).

O epistolário martiano, especialmente, as cartas que ele escreveu para a sua irmã Amélia e para a sua filha Maria Mantilla, expressam uma crítica da educação feminina na época, educação chamada de "adorno". Essa educação feminina decimonônica promovia o culto a um tipo de beleza e de moda a ser divulgada nas revistas da época. Na última carta a Maria, datada em 09 de abril de 1895, em Cabo Haitiano, o pai explica à filha onde está a verdadeira beleza e como deve se apresentar uma moça:

²⁷ A primeira vez que se editou *La edad de Oro* em Cuba foi em 1905, por Gonzalo de Quesada, um ex-aluno de José Martí, que foi o primeiro editor em converter as quatro revistas em um livro.

²⁸ De 1821 a 1845 foram escritas as cartas de Domingo del Monte. Nelas encontramos muitos relatos das conquistas masculinas e a fragilidade feminina. Ver: *Centón epistolário de Domingo del Monte*, La Habana: Academia de la Historia de Cuba, 1953.

É como a elegância, minha Maria, que está no bom gosto, e não no custo. A elegância do vestido, - a grande e verdadeira, - está na altivez e fortaleza da alma. Uma alma honrada, inteligente e livre, dá ao corpo mais elegância, e mais poderá mulher, que as modas mais caras das lojas. Muita loja, pouca alma. Quem tem muito dentro, necessita pouco fora. Quem leva muito fora, tem pouco dentro, e quer dissimular o pouco que tem. Quem sente sua beleza, a beleza interior, não busca fora beleza emprestada: se sabe formosa, e a beleza desprende luz. [...] Essa é a elegância verdadeira que o vaso não seja mais que a flor (MARTÍ, 1982, p. 89-90).

Em várias cartas Martí critica o liberalismo que permeava as relações entre mulheres e homens nos Estados Unidos, e compara tal contexto com a educação recebida pelas mulheres no México. A partir dessa comparação expõe sua admiração com a formação das filhas de Manuel Mercado, dado que cada uma o serviu quando Martí esteve na casa dele. Diante disso, questiona a Maria, na terceira carta, sem datação, realizada durante a última viagem de Martí ao México durante o ano de 1894: "Que finos pratos me preparas tú, feito com tuas mãos? Aqui todas as meninas [de México] sabem fazer finos pratos" (MARTÍ, 1982, p. 36). No entanto, o que ele mais admirou foi o comportamento da mulher no México, que se diferencia das mulheres norte-americanas e pretende que a filha imite tal conduta:

Mais, o admirável aqui é o pudor das mulheres, não como lá, que permitem aos homens um tratamento muito próximo e feio. Esta é outra vida. E falam com seus amigos, com toda a liberdade necessária; mas a distância, como deve estar o verme da flor. É muito lindo aqui o decoro das mulheres. Cada uma por seu decoro parece uma princesa (MARTÍ, 1983, p. 29-30).

Martí criticava o caminho e as discussões que estavam em evidência nos Estados Unidos, entre as quais, a questão da educação da mulher. Ele teve uma vivência em vários países latino-americanos, como Cuba, Venezuela, Guatemala, México; na

Europa, viveu em Madri, além de conhecer Paris; e, nos Estados Unidos, morava em New York desde 1880, em meio às mudanças que estavam acontecendo na sociedade norte-americana, contudo suas relações mais próximas eram com os emigrados cubanos e de outros países latino-americanos. Diante dessas vivências, não era somente o comportamento das moças e rapazes que Martí não via com bons olhos, senão fundamentalmente a educação que se destinava a ambos os sexos. Em uma das cartas dirigidas ao Senhor Diretor da Opinião Pública em Montevideú, em 19 de agosto de 1889, Martí afirma:

Nestes dias se tem falado muito acá [referindo-se a Estados Unidos] sobre a maneira de educar à mulher. Porque é certo que num país afanoso, onde não temo homem a gloria, como ha de ter, de carregar pelo mundo a uma companheira jovem, se ha de preparar à mulher para que não tenha que sair a vender beijos se quer comprar pães, e possa no mar embaralhado, remar sozinha; mas não é um infortúnio nacional, do que deve deducir-se que a mulher deva ganhar a mesma criação do gênero masculino, e fazer de um pombo um gafanhoto, devido a que os povos necessitam dos dois sexos, como a familia [...] (MARTÍ, 1889, p.1).

Nesta carta, Martí critica que na "essencia" a mulher é diferente do homem e que não se deve educar a mulher como se fosse um homem. No entanto, o ser "civilizado" e moderno obrigava incorporar à mulher a nacionalidade e a buscar novos papéis e formas de participação para ela. A experiência americana²⁹ e a experiência cubana³⁰ influenciaram Martí a acreditar que a mulher deveria e precisava estar preparada para "não ter que vender beijos caso precise de pães". Essa preocupação o levou a acreditar e a defender que a mulher, por suas características biológicas e psicológicas, poderia ser uma professora, espaço que no final do século XIX, nos Estados Unidos e na Europa, era defendido como espaço socialmente aceito para que a mulher desenvolvesse as suas habilidades e cultivasse a sua alma, transmitindo

²⁹ Louis A. Pérez Jr no seu livro *Ser cubano: identidad, nacionalidad y cultura* analisa a crescente influência americana no debate intelectual entre modernidade e atraso em Cuba no final do século XIX, associando a modernidade com os Estados Unidos e o atraso com a Espanha e a vida colonial. O tema da mulher também não deixou de ser relevante.

³⁰ A experiência da guerra de independência em Cuba deixou muitas mulheres na pobreza após a perda dos maridos, a situação da mãe e irmãos dependentes dele, que era o único homem, influenciou em grande medida a sua forma de pensar. Por isso, ele expressa a necessidade de que haja uma preparação para que as mulheres pudessem viver dignamente.

esses valores para as novas gerações.

O epistolário martiano, além de ser imenso, é considerado como um dos mais importantes acervos para conhecer a vida, a obra e os sentimentos de José Martí. Como diria Antoine Furetière, "a carta é um escrito que alguém envia a um ausente para lhe fazer ouvir seus pensamentos" (apud GRASSI, 1998, p. 2). Dessa forma, como diria Foucault, as cartas são "uma escrita de si"; ainda que direcionadas a um destinatário, as cartas são lidas pelo signatário, que se vê refletido nela. Por isso, conforme Foucault:

Escrever é pois "mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volta para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certo modo, a carta proporciona um face-a-face (FOUCAULT, 1983, p. 156).

Martí utilizou esse recurso literário para se comunicar com familiares e amigos. Não tem como não se encantar com as suas cartas: a sensibilidade transbordada em palavras e a forma amorosa de tratar os amigos e familiares não passaram despercebidas por vários autores. Fina Garcia Marruz, uma das maiores poetisas cubanas do século XX, mostra a sua admiração e o seu envolvimento/ encantamento com o epistolário martiano:

Cómo se poderá escrever das cartas de Martí? Por onde começar, cómo acabar nunca de falar delas? Onde vimos antes, em qual literatura, [...], em qual declaração de amor, silêncios e palavras, começos e despedidas, como éstas? Impossível apresar numas linhas o incomparável feitiço. Não se pode contar, descrever, analisar, um feitiço: é preciso participar. Fugir já não é possível. Ficamos comprometidos desde o primeiro instante e para sempre. Se explica que um homem assim tenha arrastado a um povo. Que há nas cartas de Martí que não encontramos em nenhum outro epistolário, por ilustre que seja? (MARRUZ, 2017, p. 1).

Realmente, como afirma Marruz, não há como escapar ao encantamento da leitura das cartas, especialmente, as que foram dirigidas a Maria Mantilla. Nelas, Martí demonstra a força de seus sentimentos, todas as suas preocupações, triste-

zas, ciúmes, cuidados e o amor sincero que um pai sente por uma filha. Na quinta carta do acervo datada em 02 de fevereiro de 1895, durante a viagem no vapor Athos, ele assim o expressou: "E, como não te amarei eu, que te levo sempre a meu lado, que te busco quando me sento à mesa, que tudo quanto leio e vejo te quero contar, que não me levanto sem apoiar-me em tua mão, nem me deito sem buscar e acariciar tua cabeça?" (MARTÍ, 1982, p. 40). E, também, pede para ela não o esquecer: "Tú, cada vez que vejas a noite escura, ou o sol nublado, pensa em mim" (MARTÍ, 1982, p. 43).

Em vários momentos, em suas cartas, ele reconhece que, além de sempre pensar nela, também fala sobre ela para as pessoas, a fim de conseguir ajuda para a filha caso ela precise, como na sexta carta, sem datação, escrita quando da sua chegada em Cabo Haitiano, no mês de fevereiro de 1895: "Eu vou semeando você, por onde quer que eu vá, para que te seja amiga a vida" (MARTÍ, 1982, p. 48) ou quando lhe confessa na carta seguinte em Santiago de los Caballeros, em 19 de fevereiro de 1895: "Quando alguém é bom, e bom para Cuba, lhe mostro o teu retrato" (MARTÍ, 1982, p. 68).

Martí expõe as saudades de um pai por uma filha e, nos silêncios da escrita, também a culpa e a dor que ele sente por não estar junto a ela, como na sexta carta em Cabo Haitiano, sem datação: "E como me dobro eu, e me encolho bem, e vou dentro desta carta, a te dar um abraço?" (MARTÍ, 1982, p. 46). Ou, neste outro momento, na sua última carta, a mais extensa de todas, em Cabo Haitiano, datada de 09 de abril de 1895, em que ele lhe cobra respostas e mostra o esforço que faz para escrever-lhe: "Tenho a vida a um lado da mesa, e a morte ao outro, e um povo nas costas: e veja quantas páginas te escrevo" (MARTÍ, 1982, p. 84).

O pai protetor que não esteve com a filha porque carregava a responsabilidade e o compromisso de ver Cuba livre, além de temer por sua morte, disse que podia se transformar em cerejeira para vê-la e abraçá-la, na segunda carta, sem datação no estado de Geórgia, em 1894:

Maria Mia [...] Ves a cerejeira grande, a que dá sombra na casa das galinhas? Pois esse sou eu, com tantos olhos como tem folhas ele, e com tantos braços, para abrazarte, como ele tem

galhos. E tudo o que façás, e o que penses, eu verei, como o vê a cerejeira (MARTÍ, 1982, p.16).

No epistolário à Maria, além do amor e da transmissão de valores, Martí se preocupou com a continuação dos estudos da única filha, que deveria ocorrer de maneira autodidata, por meio das cartas enviadas por ele, na última carta, em 09 de abril de 1895, em Cabo Haitiano: "Estudia minha Maria; trabalha, e espera por mim" (MARTÍ, 1982, p. 82). Em cada carta que escreveu durante as viagens realizadas entre 1894 e 1895, cobrava dela os estudos e, muitas vezes, inseria exercícios de tradução de francês, estudos de música, de geografia e, também, recomendava leituras de História geral. De fato, ele dedica várias páginas a descrever qual método ela devia seguir para alcançar os resultados, por isso propôs a produção de um Atlas das viagens dele, quinta carta, durante a viagem no vapor Athos, em 02 de fevereiro de 1895 "[...] e é que deves fazer uma história de minha viagem, a modo de dicionário, com a explicação dos nomes curiosos desta viagem minha" (MARTÍ, 1982, p. 44). Também lhe recomendou buscar outros livros, além dos que tinha na casa, indicando onde ela poderia encontrá-los, alguns deles estavam no Central Valley,³¹ tal busca tinha a finalidade de auxiliar na execução das tarefas. Assim, o pai deixou transparecer o seu viés pedagógico nessa mesma carta: "Não se conhece bem senão o que descobres" (MARTÍ, 1982, p. 44). Percebemos em Martí um educador que se preocupava com aquela que estava formando, sem descuidar de nenhum detalhe. Isso faz lembrar os conselhos de Herbart, que tinha como preocupação a formação moral e estética:

[...] mas apresentai-lhes uma narrativa interessante, rica em acontecimentos, em relações e caracteres, que essa narrativa contenha uma rigorosa verdade psicológica, mas que não ultrapasse os sentimentos e juízo das crianças, que não tenha a pretensão de apresentar o pior ou o melhor, apenas que certo toque suave de moralidade latente faça o possível para que o interesse pela acção transite do pior para o bem e para o justo. Vereis como aí se capta a

atenção da criança e como ela procura descobrir ainda mais a verdade e todos os aspectos da questão (HERBART, 2003, p. 21).

Nas cartas a sua Maria, o pai também aponta a necessidade das pessoas serem boas, indicando como a bondade transparece: deixa a pessoa ainda mais bonita com a idade; e, que acontece o inverso, quando a pessoa não tem bons sentimentos, assim o expressou na quinta carta durante a viagem no vapor Athos, em 02 de fevereiro de 1895:

Não tenhas nunca medo a sofrer. Sofrer bem, por algo que o mereça, dá juventude e formosura. Olha a uma mulher generosa: até velha é bonita, e menina sempre [...]; e olha a uma mulher egoísta, que, ainda de jovem é velha e seca (MARTÍ, 1982, p. 38).

Nessa mesma carta, o pai se orgulha por ela ter essa capacidade de ser mãe: "estarás feita uma mãe, com os filhos de Luis. É o que mais gosto em ti: que as crianças te amam (MARTÍ, 1982, p. 44). Mas, a função maternal se transveste na necessidade de formar esses novos homens da América. Desse modo, no século XIX, o estereótipo de fragilidade que reveste a mulher está expresso nas suas cartas, crônicas e versos, indicando as diferenças entre a mulher e o homem, inclusive, assinala para Maria Mantilla quais seriam os valores, os saberes, os princípios e os caminhos que uma mulher virtuosa ou decorosa deveria seguir. Assim, na sexta carta, sem datação, em Cabo Haitiano, o pai lhe diz: "não façás nunca nada que me dê tristeza, ou eu não quisesse que tú fizesses. Que te respeitem todos por decorosa e estudiosa" (MARTÍ, 1982, p. 50).

Na última carta escrita a Maria Mantilla, Martí questiona a filha, ele desejava saber o que ela estava fazendo; se sente inseguro, queria saber se os seus conselhos foram válidos; queria ensinar-lhe o que é o verdadeiro amor, percebe-se aqui como a correspondência transmite uma despedida. Tais questionamentos se encontram na carta a sua Maria, datada em 09 de abril de 1895, em Cabo Haitiano:

³¹ Central Valley é uma escola bilingue, onde se formaram muitos filhos da elite latino-americana. Foi fundada pelo primeiro presidente de Cuba, Tomás Estrada Palma, que residiu em New York por quase 25 anos e com quem Martí se relacionou e incentivou para que apoiasse a Independência de Cuba.

E minha filhinha, que faz, lá no Norte, tão longe? Pensa na verdade do mundo, em saber, e amar, em saber para poder amar, -amar com a vontade, e amar com o carinho? Se sente, amorosa, junto a sua mãe triste? Se prepara para a vida, ao trabalho, virtuoso ou independente da vida, para ser igual ou superior aos que venham logo, quando seja mulher, falar de amores, -para levá-la ao desconhecido, ou à desgraça, com umas quantas palavras simpáticas, ou de uma figura simpática que quer enganá-la? [...] Isso é o que as mulheres escravas, -escravas pela sua ignorância e a sua incapacidade de se valer, chamam no mundo "amor". Eu amo a minha filhinha. Quem não a ame assim, não a ama. Amor é delicadeza, esperança fina, merecimento, e respeito (MARTÍ, 1982, p. 67-68).

A preocupação de Martí era com uma educação integral para a filha, assim também desejava incentivar a sua curiosidade, na sua primeira missiva deixa implícito que ele assumiu a tarefa de ser o seu professor: "te lembrás de mim? Já o saberei na minha volta pelas tarefas em francês de cada dia [...]" (MARTÍ, 1982, p. 14). Assim, Maria o reconheceu quando visitou Cuba, em janeiro de 1953, durante as celebrações do seu nascimento e, posteriormente, em uma entrevista publicada na revista *Bohemia*, em 01 de fevereiro de 1953, afirmou:

Toda a instrução que possuo, devo a ele. Me dava as aulas com grande paciência e carinho, e cada vez que tinha que fazer uma viagem, me deixava preparado o roteiro de estudos que devia fazer cada dia, durante a sua ausência. (LIZASO, 1953).

No final do século XIX, aparece o fenômeno chamado "feminização docente". Muitas mulheres em vários países industrializados ingressaram no mundo do trabalho como professoras. Albisetti (1993) afirma que o percentual de mulheres era: 75% do total dos docentes nos EUA; 68% na Itália; 66% na Inglaterra; e 65% no Canadá. Esse fenômeno foi se estendendo também em alguns países da América Latina, como: México, Cuba, Brasil e Argentina. Mas não houve uma adesão à ideia da feminização da docência sem embates e disputas. Nessa perspectiva, Fiorucci (2016) aprofunda o estudo de três pensadores argentinos, a saber, Lugones, Galvez e Mercantes, todos se opuseram à feminização docente, o que demonstra que houve

menos consenso do que se imagina. Em Cuba, segundo Galano (2017), a feminização do magistério aconteceu apenas no século XX, já que no século XIX o magistério era dirigido por mulheres livres de "cor" e, em menor medida, mulheres brancas das classes populares. Assim, a partir do século XX, a profissão docente vai se caracterizar como um dos espaços privilegiados a serem ocupados pelas mulheres brancas de classe média ou da elite.

Outra questão que também gerou embates foi a criação de escolas mistas ou também chamada de coeducação. Alguns defendiam a coeducação porque acreditavam que teria uma maior viabilidade econômica, mas não houve consenso. A primeira escola mista surgiu nos Estados Unidos, em Ohio, no Oberling College no ano de 1837. Contudo, a coeducação passou a se expandir no ensino público durante o século XX nos Estados Unidos, Europa e América Latina. Ainda no século XIX e inícios do XX, as mulheres de elite ou classe média continuavam a ser educadas em colégios apenas para "moças", dado que em muitos países, especialmente, naqueles que a influência católica foi maior, a coeducação não foi em princípio bem-aceita pelas famílias.

Por isso, acreditamos que Martí pensava que a filha poderia ser uma "maestra"³² de meninas. O conjunto da correspondência de Martí à Maria constitui uma espécie de diário de comportamentos, valores e conselhos que a filha deveria seguir, como já temos falado anteriormente. Nas últimas duas cartas concebidas em Cabo Haitiano, datadas em 25 de março e 09 de abril de 1895, Martí aconselha a filha a ser maestra. Por nutrir esse ideal, Martí incentivou a jovem a criar uma escola junto a irmã Carmita que era seis anos mais velha. Ele acreditava que elas seriam "respeitadas e a casa teria pão". Nessa carta destinada à Maria e à Carmita, penúltima delas, ele utiliza da persuasão para convencê-las:

E, em qué penso agora, quando as tenho assim abraçadas? Em que este verão tenham muitas flores: em que no inverno abram as duas juntas, uma escola: uma escola para dez meninas, a seis pesos, com piano e espanhol, das nove

³² Maestra é o termo mais utilizado para diferenciar a professora das primeiras séries das de ensino fundamental II, médio ou superior.

a uma; e serão respeitadas, e a casa terá pão (MARTÍ, 1982, p. 63-64).

Nas cartas à Maria, de maneira simples, detalhada e direta, Martí a instruiu também nos conteúdos que deveriam ser ensinados às meninas. Cada livro que ele lhe indicava tinha uma utilidade, existia um pragmatismo nas cartas que devia ser destacado, como nesta explicação: "este Petit français é claro e útil. Leia-o, e logo ensinarás. Ensinar é crescer" (MARTÍ, 1982, p. 70), ou, também, quando lhe propõe a leitura da História Geral e a tradução de uma página por dia para "ao mesmo tempo que te sirva, [...] para entender, inteiro e curto o movimento do mundo, e poder ensiná-lo (MARTÍ, 1982, p. 74). Ademais, em suas orientações sobre o que deveria ser ensinado, Martí pontua: poucos números, leitura, escrita, francês, piano, costura. Assim, Martí sintetizou:

Assim, serão maestras, contando esses contos verdadeiros as suas discipulas [...] – E poucos cálculos sobre o quadro, e não todos os dias. Que as discipulas amem a escola, e apreendam nela coisas agradáveis e úteis (MARTÍ, 1982, p. 93).

Martí, permeado pelas imagens femininas da época e de sua experiência em vários países, recria vários estereótipos de mulheres caracterizando-os, mostrando-os à filha: a mulher "de adorno", preocupada em modas; e a mulher presa fácil de homens aventureiros, que terminam se prostituindo, em suas palavras: "vendem seus beijos por pão". No sentido contrário a essas imagens negativas de mulheres, Martí cria um ideal de mulher que ele valoriza e vai sistematizando nas cartas direcionadas à sua filha Maria. Esse modelo de mulher ideal, que tencionava espelhar Maria, tinha vários atributos: mulher sensível, simples, caridosa, boa mãe, boa filha, e vai evoluindo nas cartas para mostrar que, além de apreender, ela devia transmitir o conhecimento. Martí acreditava que a mulher poderia ter um trabalho independente, que deveria ser o de professora. Na última carta à Maria Mantilla, Martí reitera que o seu sonho era vê-la como professora:

Se eu estivesse onde você não me pudesse ver, ou onde já fosse impossível a volta, seria orgulho grande o meu, e alegria grande, se te

viera desde ali, sentada, com a tua cabecinha de luz, entre as meninas que iriam saindo de tua alma, –sentada, livre do mundo, no trabalho independente. [...] (MARTÍ, 1982, p. 100-102).

Nessa mesma carta, assinada em Cabo Haitiano, dias antes de sair para Cuba, em 09 de abril de 1895, pela sua extensão – é a única carta com dezoito páginas –, ele pensou que poderia ser a última, nela ele prepara a filha para a separação definitiva caso ele não consiga retornar: "E, senão me vês novamente, [...]: coloca um livro, o livro que te peço, sobre a sepultura. Ou sobre o teu peito, porque aí estarei enterrado eu se morrer" (MARTÍ, 1982, p. 102).

Considerações finais

José Martí (1853-1895) é considerado o maior intelectual cubano do século XIX que transcendeu, dentre outras coisas, por seus escritos sobre educação e formação de valores das novas gerações. O seu projeto mais acabado de escrita aos jovens foi *La edad de Oro* (1889), analisada na primeira parte deste trabalho. Pretendemos observar que as escolhas de textos, poemas e contos realizados por Martí se deram a partir de uma concepção diferenciada do que devia ser a educação para as meninas e para os meninos. O autor também frisa os valores e comportamentos que deviam nortear a relação entre os dois gêneros. Mas será nas cartas pessoais à Maria Mantilla onde fica claro o ideal de formação feminina para as mulheres de classes médias e de elite que ele almeja para a sua filha. As cartas escritas à Maria Mantilla constituem um guia dos valores necessários para que ela sobrevivesse no mundo patriarcal, que ele fez parte, ou seja, um mundo controlado e dirigido pelos homens. Todos os conselhos dados à filha partem das preocupações que ele carregava como pai: "conocerás o mundo antes de te entregar a ele. Eleva-te, pensando e trabalhando" (MARTÍ, 1982, p. 70). Nesse sentido, as cartas privadas são consideradas como um diálogo "em ausência", assim, neste artigo buscamos compreender a intencionalidade das cartas escritas por Martí a sua Maria. Nelas aparecem as vivências e os conselhos do enunciador e o retrato da receptora; são dois

tempos que consideramos, o tempo da escrita e o tempo da leitura, e dois espaços geograficamente distintos.

Nas cartas de José Martí à Maria Mantilla percebemos o uso da persuasão ou sedução que caracterizam a escritura epistolar. Nestas cartas, José Martí utiliza uma retórica cuja intencionalidade é a mesma encontrada nos discursos clássicos. Segundo Grassi (1998, p. 5), a ação de persuasão ou sedução se manifesta de muitas maneiras que, em síntese, seria "instruir, agradecer, comover e convencer". Sem dúvida, o epistolário martiano utiliza o recurso da persuasão não somente para agradecer a sua Maria ou comovê-la, mas, especialmente, para convencê-la do ideal de mulher que ela devia seguir.

Acreditamos que, se a escrita de José Martí em *La edad de Oro* transmite algumas ideias e conceitos que ele tem sobre o ideal de formação feminina, só o estudo do conjunto de correspondências de Martí à sua filha, dentre os anos de 1894 a 1895, permitiram-nos trazer à tona os próprios sentidos e significados da documentação e mostraram o quanto essa escrita foi impregnada do "Eu paterno", uma vez que nos conselhos que o pai direciona à filha estão expressos os limites da educação das mulheres de classe média e da elite decimonônica.

Referências

- ALBISSETTI, James C. The feminization of teaching in the nineteenth century: comparative perspective. *History of education*, [S. l.], v. 22, n. 3, p. 253-263, 1993.
- ARCE, R. *Religión: poesía del mundovenidero*. Implicaciones teológicas en la obra de José Martí. Quito: Consejo Latinoamericano de Iglesias, 1996.
- ARIAS, Salvador. *Un proyecto martiano esencial: La Edad de Oro*. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2012.
- BADINTER, Elizabeth. *L'Amouren plus*. Histoire de l'amour maternel. Paris: Flammarion, 1980.
- CABRERA, Olga. Género, sexo e raça e a formação de subjetividades femininas em Cuba, século XIX. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 25, n. 1, jan./abr. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2017v-25n1p117>
- CARTA A DOMINGO DEL MONTE. *Centón Epistolario*. La Habana: Academia Nacional de Cuba, 1953. v. IV.
- CARTAYA COTA, Perla. La mujer que no comprendió. *Revista de la Arquidiócesis de La Habana*, La Habana, año XX, n. 207, mayo 2011.
- COVA, Antonio de la. José Martí y la paternidad de María Mantilla. In: *Latin American Studies*. Disponível em: http://www.latinamericanstudies.org/maria_mantilla.htm. Acesso em: 3 fev. 2018.
- FIORUCCI, Flavia. Pais afeminado, proletariado feminista. *Mujeres inmorales e incapaces: la feminización del magisterio en disputa (1900-1920)*. Buenos Aires, *Anuario de Historia de la educación*, Buenos Aires, v. 17, n. 2, p. 120-137, dic. 2016. Disponível em: <http://ppct.caicyt.gov.ar/index.php/anuario/article/view/9793>. Acesso em: 6 fev. 2018.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor*. Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.
- GALANO, Yamile Hernández. Las primeras maestras de la República (1899-1914). Género y movilidad social. In: *Perfiles de la Cultura Cubana*. La Habana, ene./jun. 2012. Disponível em: http://www.perfiles.cult.cu/article.php?numero=8&article_id=258. Acesso em: 6 fev. 2018.
- GOMEZ, Yamil Diaz. Nadie tiene que juzgar a Martí. In: *Vanguardia*. Villa Clara, 21 maio 2016. Disponível em: <http://www.vanguardia.cu/de-cuba/6278-nadie-tiene-que-juzgar-a-marti>. Acesso em: 3 jul. 2018.
- GONZÁLEZ, Maritza. *Acerca de la Edad de Oro*. La Habana: editorial Letras Cubanas: Centro de Estudios Martianos, 1980.
- GRASSI, Maire-Claire. *Lire l'épistolaire*. Paris: Dunod, 1998.
- HERBART, Johann Friedrich. *Pedagogia Geral*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- IBARRA, Jorge. *José Martí: dirigente político e ideólogo revolucionário*. La Habana: editorial Ciencias Sociales, 1980.
- LIZASO, Felix. María Mantilla en el Centenario de José Martí. *Revista Bohemia*. La Habana, año 45, n. 5, 1 feb. 1953. Disponível em: <http://hojassdeprensa.blogspot.com/2014/01/maria-mantilla-en-el-centenario-de.html>. Acesso em: 3 mar. 2018.
- MARRUZ, Fina García; VITIER, Cintio. *Temas Martianos*. La Habana: Departamento Colección Cubana: Biblioteca José Martí, 1969.
- MARRUZ, Fina García. *En acerca de la edad de Oro*. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1980.
- MARRUZ, Fina García. Las cartas de Martí. In: *On Cuba News*. [S. l.], dic. 25, 2017. Disponível em: <https://on-cubanews.com/cuba/sociedad-cuba/historia/las-cartas-de-marti-fragmento>. Acesso em: 3 mar. 2018.
- MARTÍ, José. *Cartas a María Mantilla*. La Habana: editorial Gente Nueva, 1982.
- MARTÍ, José. *Epistolario, compilación, ordenación cronológica y notas de Luis García Pascual y Enrique H. Moreno Pla*. Prólogo de Juan Marinello. La Habana: Centro de Estudios Martianos: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. t. II, p. 44.
- MARTÍ, José. [Carta enviada para sua irmã Amélia]. New York, jan. 1882. Disponível em: <http://www.josemarti.cu/publicacion/nueva-york-enero-de-1882>. Acesso

em: 3 abr. 2018.

MARTÍ, José. La edad de Oro. In: *Free editorial*. [S. l.], 25 abr. 2017. Disponível em: <https://freeditorial.com/en/books/la-edad-de-oro--2>. Acesso em: 5 abr. 2018.

MARTÍ, José. [Carta ao amigo Manuel Mercado]. Acampamento de Dois Rios, 26 nov. 1889. In: *Obras Completas*. La Habana: Centro de Estudios Martianos/ Editorial Ciencias Sociales, 2011. v. 20, epistolário.

MARTÍ, José. [Carta a la Opinión Pública]. 19 ago. 1889. Disponível em: <http://www.josemarti.cu/publicacion/cartas-de-marti>. Acesso em: 3 jun. 2018.

MARTÍ, José. *Nuestra América. La Revista Ilustrada de New York*, New York, 10 ene. 1891. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal27/14Marti.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2018.

MUÑOZ, Jaime Galgani. El poeta y el cronista modernista en el prólogo Al poema del Niágara. *Atenea*, Cidade Concepción (Chile), n. 514, p. 189-205, jul./dez. 2016. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-04622016000200189. Acesso em: 3 abr. 2018.

PÉREZ JR, Louis A. *Ser Cubano: identidad, nacionalidad y cultura*. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 2007.

PESTALOZZI, Johann Heinrich. *Cartas sobre a educação infantil*. Madrid: Tecnos, 2006.

RAMA, Angel. La dialéctica de la modernidad en José Martí. In: *Estudios Martianos*. Seminario José Martí. Puerto Rico: Editora Universitaria, 1974. p. 129-197

RAMA, Angel: *Las máscaras democráticas del modernismo*. Montevideo: Fundación Angel Rama, 1985.

RETAMAR, Roberto Fernández: *Para una teoría de la literatura hispanoamericana*. La Habana: Casa de las Américas, 1975.

RETAMAR, Roberto Fernández. *Introducción a José Martí*. La Habana: Centro de Estudios Martianos: Casa de Las Américas, 1978.

SHULMAN, Ivan A. *Simbolo y color en la obra de José Martí*. Madrid: Editorial Galdós, 1970.

VARONA, Enrique J. Las niñas en la segunda enseñanza. *Revista Cubana*, La Habana, t. V, mar. 1887.

Isabel Ibarra Cabrera

Doutora em História pela Universidade Complutense de Madri (UCM), em Madri, Espanha. Professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em São Luis, MA, Brasil.

Endereço correspondência

Isabel Ibarra Cabrera

Universidade Federal do Maranhão

Av. dos Portugueses, 1966

Vila Bacanga, 65080-805

São Luís, MA, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.